

CESAR ANTONIO CALEJON IBRAHIM

**A ASCENSÃO**  
**DO BOLSONARISMO NO BRASIL**  
**DO SÉCULO XXI**

## SUMÁRIO

Prefácio	13
Prólogo	19
Introdução	23
1 - Concentração de renda e a desigualdade como escolha política: o cenário brasileiro	33
2 - Junho de 2013	59
3 - A entropia do sistema político brasileiro de 2014	77
4 - Lawfare e os danos à soberania nacional do Brasil	89
5 - O impeachment de Dilma Rousseff	105
6 - A inelegibilidade de Lula e a punhalada final	139
7 - A ascensão do bolsonarismo no Brasil do século XXI	157
8 - A extrema-direita no mundo e os ideólogos do caos	219
9 - Frente Progressista Internacional?	239
10 - 2019: O novo arranjo sociopolítico brasileiro	251
11 - O bolsonarismo, o jogo político da política externa e a sociedade internacional	265
Posfácio	281

## PREFACIO

**T**oda e qualquer tese nasce em determinado contexto político e social, o que oferece um elemento fundamental para avaliar para quem e com qual propósito a teoria foi elaborada.

No meu caso, a principal inspiração para entrevistar as fontes, pesquisar os dados e redigir este trabalho ocorreu durante uma conversa com uma amiga que, assim como milhões de outros brasileiros, cursou apenas até as primeiras séries de um ensino elementar acrítico, quando eu falava sobre a concentração exacerbada de renda e da riqueza que existe no Brasil.

Após ouvir uma breve explicação, ela me perguntou qual era a diferença entre renda e riqueza. Eu expliquei, de maneira sucinta, que a riqueza é o volume de dinheiro e propriedades que as pessoas acumulam ao longo da vida, ao passo que a renda é o produto do trabalho, em forma de salários, mais os juros dos investimentos que elas fazem com a riqueza que concentram. Após escutar este raciocínio com uma expressão de desconfiança, ela me disse: "Acho que eu nunca tinha entendido isso (diferença entre riqueza e renda) porque jamais me sobrou dinheiro para juntar qualquer riqueza. Eu sempre vivi da minha renda mensal!"

Perceber que ela foi capaz não somente de compreender os conceitos, mas também conseguiu aplicá-los de forma imediata na sua vida cotidiana, quase me fez pular da cadeira de alegria. Esse é um dos principais elementos que conduziram ao atual paradigma vigente no Brasil: o desconhecimento absoluto sobre o funcionamento da estrutura social na qual se está inserido.

Centenas de milhões de pessoas vivem, desde o nascimento até o último suspiro, com os recursos exatos para os seus gastos mensais, na melhor das hipóteses. Vivem correndo de sol a sol para produzir, sem nenhuma possibilidade de investir em desenvolvimento intelectual. Sem tempo para parar e pensar. Para

aliviar as dores deste ritmo frenético, algumas horas por dia de televisão, redes sociais, WhatsApp, futebol, religião e, talvez, uma cervejinha (porque ninguém é de ferro).

Coelhos correndo eternamente sobre uma roda mecânica atrás de uma cenoura que está sempre estrategicamente posicionada vinte centímetros à frente do nariz, não importando o quanto ou o quão rápido se corra.

Existe uma ampla gama de maneiras pelas quais as forças e os agentes sociais que norteiam a formação do arranjo social brasileiro interagem com as grandes massas do País neste começo de século XXI, mas quatro delas merecem destaque e uma é absolutamente vital: a compulsoriedade, a institucionalidade, a produtividade e o estruturalismo.

A compulsoriedade exige os títulos e os certificados. A institucionalidade diz que alguém pertence a certo grupo e, portanto, está circunscrito aos limites ou exposto aos benefícios destas esferas. A produtividade recompensa os esforços e as aptidões de forma meritocrática quando estes dois filtros anteriores já foram aplicados.

Apesar de serem consideravelmente fortes, os três primeiros conceitos são tipos de forças exógenas, que atuam de fora para dentro, basicamente.

Já o poder estrutural é diferente. Por meio de todas as formas modernas de proselitismos (midiáticos, estéticos e de cunho religioso, principalmente), a estrutura de crenças da população é contínua e endogenamente reorganizada para sentir, enxergar e, em última instância, perceber e atuar sobre o mundo de maneira determinada. Frente a este tipo de poder, os certificados e as institucionalidades são quase desnecessários, porque se acredita firmemente que seguir determinada orientação é, de fato, a coisa certa a fazer. Acredita-se ser inferior e merecer menos, em suma. Esta é a principal força que faz com que os coelhos continuem correndo atrás da cenoura sem sequer saber o gosto que ela tem.

Além do gosto, esta cenoura possui formato, cor, cheiro e tamanho específicos. Elaborada para os coelhos da forma mais simples possível, a tese contida neste livro visa a desnudar estes atributos da cenoura no contexto das eleições presidenciais de 2018.

## PROLOGO

Junho de 2013. No dia 20, eu fui às ruas de São Paulo acompanhar e registrar as manifestações populares. Naquele momento, havia um ar de “primavera brasileira” na atmosfera política do País.

Após muito conversar com os manifestantes a fim de entender o que eles reivindicavam, encontrei um senhor sentado, observando com uma expressão meio descrente, que destoava muito do restante da população presente na ocasião.

Aproximei-me com cuidado e perguntei, usando um tom ameno:

— O que lhe parece todo este movimento?

— Você sabe — respondeu o velho cético de forma imediata.

— Parece bom, não? — questionei novamente.

— Poderia ser, mas, infelizmente, eu já vi isso antes. Eu vi isso com o próprio Vargas, Prestes, JK, Goulart, Tancredo, Brizola, nas Diretas Já, com o Collor, com o FHC, com o Lula e agora.

— E o que acontece em seguida? — indaguei pela terceira vez.

— O que você acha que acontece? — retrucou ele.

— Eu acho que as coisas podem melhorar — respondi, percebendo o meu otimismo enquanto as palavras saíam da minha boca.

— Bom, eu acho que nós queremos as “mudanças”, mas não queremos mudar — disse o velho, fazendo um sinal de aspas com os dedos para pronunciar a palavra “mudanças”.

— E qual é a implicação desta postura?

— Pagar o preço que todos aqueles que querem algo e não estão dispostos a mudar pagam.

— Qual é o preço? — perguntei uma última vez antes de perceber que ele não estava fisicamente ali sentado.